



Research Paper

## O GRAFISMO INFANTIL SEGUNDO LUQUET, LOWENFELD E BRITTAİN: um estudo teórico

Amanda Karoline Suzuki<sup>1</sup>, Graziela Aparecida Pavinato<sup>2</sup>, Larissa da Costa Almeida<sup>3</sup>, Maria Eduarda Vieira Marran<sup>4</sup>, Mariana Totti Ampudia<sup>5</sup>, Moira Kelly R. dos Santos<sup>6</sup>, Pedro Henrique R. Oliveira<sup>7</sup>, Daniela Emilena Santiago<sup>8</sup>, Flavia Danieli de Souza Barbosa<sup>9</sup>

<sup>1</sup> Amanda Karoline Suzuki é graduanda em Psicologia pela UNIP, campus Assis-SP onde cursa o 4º. semestre.

<sup>2</sup> Graziela Aparecida Pavinato é graduanda em Psicologia pela UNIP, campus Assis-SP onde cursa o 4º. semestre.

<sup>3</sup> Larissa da Costa Almeida é graduanda em Psicologia pela UNIP, campus Assis-SP onde cursa o 4º. semestre.

<sup>4</sup> Maria Eduarda Vieira Marran é graduanda em Psicologia pela UNIP, campus Assis-SP onde cursa o 4º. semestre.

<sup>5</sup> Mariana Totti Ampudia é graduanda em Psicologia pela UNIP, campus Assis-SP onde cursa o 4º. semestre.

<sup>6</sup> Moira Kelly R. dos Santos é graduanda em Psicologia pela UNIP, campus Assis-SP onde cursa o 4º. semestre.

<sup>7</sup> Pedro Henrique R. Oliveira é graduando em Psicologia pela UNIP, campus Assis-SP onde cursa o 4º. semestre.

<sup>8</sup> Daniela Emilena Santiago é Assistente Social, docente dos cursos de Psicologia e Pedagogia da UNIP, campus Assis-SP.

<sup>9</sup> Flavia Danieli de Souza Barbosa é Pedagoga, Coordenadora Auxiliar do curso de Pedagogia da Unip, campus Assis-SP.

**ABSTRACT:** Children's intelligence is expressed through a series of representations, including graphics. In the present study, we are guided to think and reflect on the interpretations of Luquet, Lowenfeld and Brittain on children's graphic expression. To elaborate it, we resorted to theoretical databases, through the reading of books and articles that discussed the authors' concepts in relation to child development. We could observe that the authors have in common the fact that they understand graphics as an expression that is expressed by the child depending on their intelligence and, in such a way, the child expresses drawings of greater complexity as their intelligence increases. For the authors, the graphics, as well as the child's intelligence, come from the stimuli received and can be changed through the mediation of the adult.

**KEYWORDS:** Graphics, Child development.

Received 04 October, 2021; Revised: 16 October, 2021; Accepted 18 October, 2021 © The author(s) 2021. Published with open access at [www.questjournals.org](http://www.questjournals.org)

### I. INTRODUCTION

Estudar o desenvolvimento infantil nos remete a pensar sobre o grafismo da criança visto que a expressão gráfica infantil guarda grande relação com o desenvolvimento da inteligência da criança. Dentre os vários autores que discutem tal temática, destacamos os contributos de Luquet, Lowenfeld e Brittain os quais tiveram a sua perspectiva popularizada por Piaget (1971) quando realizou a análise do grafismo infantil. Isso porque o autor não formulou uma teoria explicativa do desenho da criança, antes, se apoiou nas colocações de Luquet, Lowenfeld e Brittain.

Nosso interesse em relação ao tema, para tanto, adveio da inserção de parte dos autores desse texto junto à disciplina de Psicologia Construtivista, ofertada pela UNIP ao curso de Psicologia no primeiro semestre de 2021. Nela a discussão sobre a expressão gráfica infantil ganhou destaque o que nos motivou no aprofundamento de nossos estudos, resultando no presente artigo. Além do interesse dos autores, outra motivação para a elaboração do mesmo são os possíveis contributos que o texto pode oferecer para todos os estudiosos da área do desenvolvimento infantil.

Para elaborá-lo recorreremos a livros e artigos que abordassem o tema e, realizamos a apresentação dos dados levantados no presente texto, tendo início por Luquet. Na sequência, em um segundo subitem passamos à discussão do pensamento de Lowenfeld e Brittain, os quais também colaboram substancialmente para o entendimento mais acurado a respeito do desenvolvimento do grafismo. Esse saber nos dá ainda a entender sobre o desenvolvimento da inteligência da criança, que, pode ser expressa no desenho.

## **II. GRAFISMO INFANTIL NA ÓTICA DE LUQUET**

Luquet foi um dos pioneiros na pesquisa dos estágios do desenho, se baseando em teorias de desenvolvimento cognitivo. Por volta da década de 20, o filósofo lançou livros sobre o tema que, posteriormente, serviriam de contribuição às teorias de Piaget devido às semelhanças entre ambas as teorias, tendo em vista que ambos partilhavam da teoria de desenvolvimento cognitivo. Piaget, no entanto, não percebia o desenho como parte do desenvolvimento infantil, mas, sim, como a representatividade das competências cognitivas da criança.

As produções gráficas de crianças envolvem a mistura do mundo real, apropriado pela imitação, e o mundo imaginário, que lhe é construído através de sua própria percepção do mundo real. Nem sempre essas produções têm a intenção de transmitir algo, mas, a partir do momento em que a criança desenvolve suas capacidades sensoriais e motoras, a criança descobre a possibilidade de deixar suas marcas através de ferramentas como lápis, giz e tintas (PILOTTO et al., 2004).

Em Luquet, os primeiros traços da criança ocorrem a partir dos dois anos, fase esta que o autor denominou de realismo fortuito e que foi dividida em desenho involuntário e voluntário. Durante a fase de desenho involuntário, os traços são formados por linhas que, até o momento, a criança ainda não atribuiu significado algum aos grafismos, tendo em vista que ela ainda não compreende que o conjunto de linhas podem ser a representação gráfica de um objeto. Em Piaget, esta fase pode estar ligada à transição do período sensório-motor ao estágio pré-operatório, nos quais a criança manipula objetos em seu campo de visão a fim de conhecer o ambiente em que está inserida antes de ocorrer a maturação do organismo para aquisição da linguagem e da compreensão do plano simbólico, tanto que Pilotto et al. (2004) nos traz que a criança faz suas primeiras produções gráficas pelo prazer em repetir gestos em função da atividade motora adquirida.

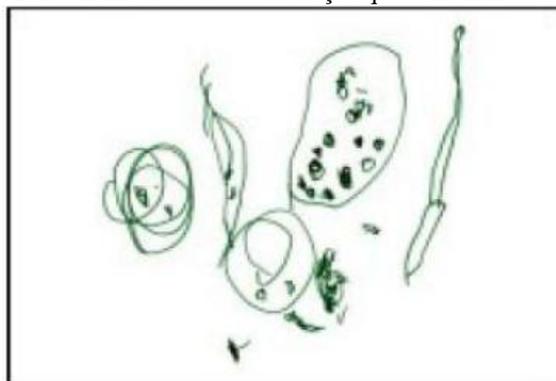
Figura 1: Realismo fortuito com uso de traços formados por linhas



(ALEXANDROFF, 2010, p. 31)

Ainda falando sobre a fase do realismo fortuito de Luquet, quando a criança percebe semelhanças entre seus traçados e um objeto real, ela produz o desenho voluntário, com intenções e desejos conscientes de desenhar algo. Tal percepção ocorre no final da fase de realismo fortuito, que pode ir até os quatro anos de idade. Em teorias piagetianas, a criança se encontraria na metade do período pré-operatório, podendo ter adquirido habilidades intelectuais e afetivas que atribuíram significado aos desenhos feitos por ela mesma.

Figura 2: Realismo Fortuito com traços que tomam novas formas



(ALEXANDROFF, 2010, p. 31).

O próximo estágio estudado por Luquet foi denominado realismo falhado ou incapacidade sintética, tendo sido observado por volta dos três ou quatro anos em crianças. É durante esse período que a criança se preocupa em representar cada objeto de maneira diferenciada, com objetos soltos que não integram um conjunto coerente, bem como o exagero ou exclusão de partes. As ações e pensamentos infantis nesta fase não se encontram coordenados, impedindo o agrupamento das partes do desenho. Para Rappaport (1981), durante a fase pré-operatória encontra-se nas crianças a característica do egocentrismo, ou seja, a visão que ela tem de mundo tem como referência o próprio eu, pois a criança não concebe uma situação no mundo sem que ela não faça parte, atribuindo a objetos e pessoas, portanto, seus próprios pensamentos. Dessa forma, é possível que a criança atribua seus próprios sentimentos e percepções no desenho, tal como exagerar formas baseado nos pensamentos que lhes conferem esses objetos.

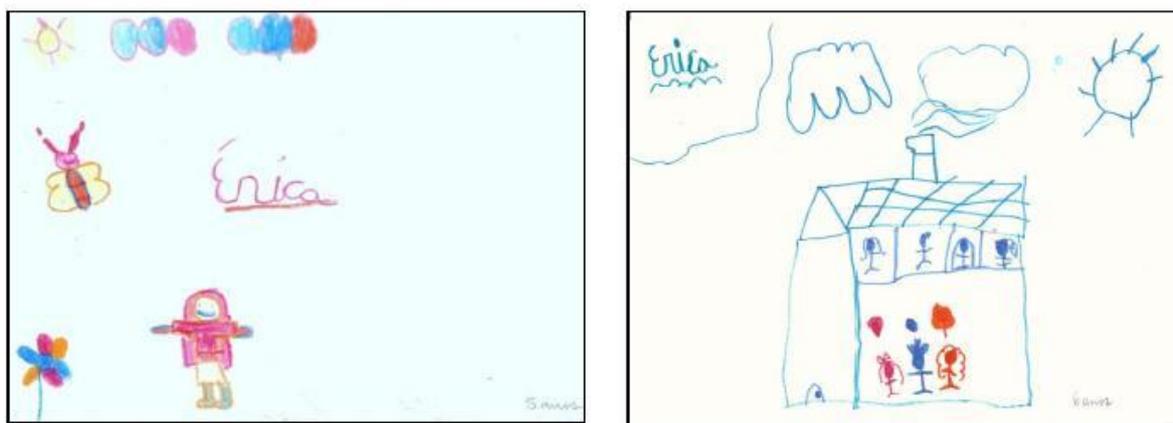
Figura 3: Realismo falhado ou incapacidade sintética



(ALEXANDROFF, 2010 , p. 32).

O terceiro estágio é chamado de realismo intelectual, cuja representação de objetos se dá pelo conhecimento intelectual desenvolvido pela criança nesta fase, que vai dos quatro aos dez ou doze anos. De maneira deliberada e consciente, a criança reproduz o objeto que vê e também o que não está presente no cenário baseado no que se sabe sobre o mesmo. Elementos que a princípio estariam encobertos, tal como móveis dentro de uma casa, desenha-os de maneira transparente para mostrar a existência deles através da parede, por exemplo. A criança utiliza processos variados na construção do desenho, tais como a descontinuidade (elementos soltos no ar), o rebatimento, a transparência, a planificação e a mudança de pontos de vista (ALEXANDROFF, 2010).

Figura 4: Realismo intelectual com elementos de transparência e descontinuidade



(ALEXANDROFF, 2010 , p. 32).

Figura 5: Realismo intelectual com elementos de transparência, “o gato engoliu a velha e o papagaio”



(MÈREDIEU, 2006, p. 21).

Para Rappaport (1981), o período das operações concretas de Piaget ocorre por volta dos sete a doze anos, e é a fase na qual ocorre a ascensão do pensamento lógico. Esta fase, ainda para a autora, é marcada pela organização de esquemas visando a aquisição de elementos conceituais, na qual a relação da criança com o mundo é mediada pelos elementos racionais e menos pela assimilação egocêntrica.

Por volta dos doze anos, temos a última fase citada por Luquet, denominada realismo visual. Esse estágio é marcado pela descoberta da perspectiva e o enxugamento progressivo do grafismo (ALEXANDROFF, 2010), sendo assim, abandonando as estratégias anteriores e a transparência dá lugar à opacidade. Em Piaget, entre os 12 e 16 anos, o sujeito passa a experimentar a fase das operações formais, na qual ocorre a transformação dos esquemas cognitivos, operados concretamente, em esquemas baseado na realidade imaginada. É nesta fase que o jovem passa a dominar recursos intelectuais mais avançados.

Figura 6: Realismo visual com a descoberta da perspectiva e esquemas baseados na realidade imaginada



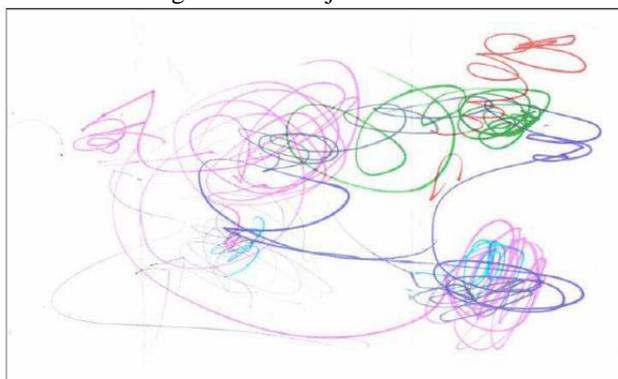
(ALEXANDROFF, 2010 , p. 34).

### **GRAFISMO INFANTIL NA ÓTICA DE LOWENFELD E BRITAIN**

Em 1947, foram realizados estudos acerca do desenvolvimento da capacidade criadora pelo austríaco Viktor Lowenfeld e seu parceiro americano Lambert Brittain. Para o austríaco professor de educação artística, “os desenhos e as pinturas refletem o grau de identificação da criança com suas próprias experiências,” (DIDIERI, 2018). Assim como Luquet, Lowenfeld dividiu os estágios de desenvolvimento de acordo com idades, totalizando quatro fases diferentes, sendo a primeira delas a garatuja.

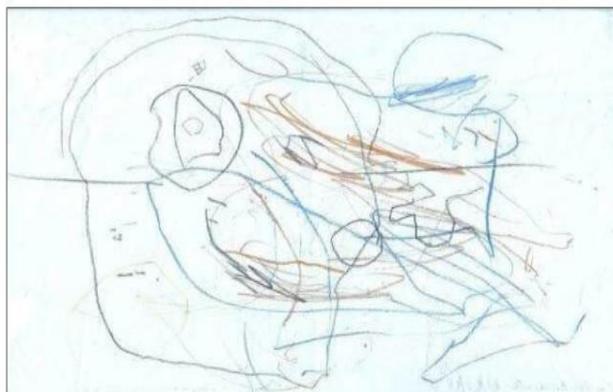
A garatuja é a fase que perdura dos dois aos quatro anos e é caracterizada por rabiscos desordenados. É também subdividida em quatro estágios, sendo eles o 1) desordenado, no qual as marcas desordenadas podem ser de traçados leves ou pesados dependendo da personalidade da criança, que neste estágio ainda não possui ou possui pouco controle de suas capacidades motoras; 2) longitudinal, a qual é caracterizada por repetições de movimentos controlados e a criança demonstra através do desenho a consciência e satisfação pela percepção tátil e cinestésica; 3) circular, cuja principal característica é a contínua exploração de movimentos controlados, demonstrando a habilidade de desenhar formas mais complexas; 4) fase de nomear, a qual a criança conta histórias sobre os rabiscos, ocorrendo uma mudança do pensamento cinestésico em termos de movimentos para um pensamento imaginativo em termos de imagens. Por fim, Lowenfeld (1947,p.43) completa que, “[...]a maior conquista de um indivíduo é o desenvolvimento da habilidade em visualizar imagens”.

Figura 7: Garatuja desordenada



(BOMBONATO, FARAGO, 2016, p. 16)

Figura 8: Garatuja longitudinal, atividade intencional



(BOMBONATO, FARAGO, 2016, p. 16).

Figura 9: Rabiscos intencionais com formas mais complexas



(BOMBONATO, FARAGO, 2016, p. 16).

No início da fase de garatuja a criança ainda não tem controle sobre os movimentos motores, associa-se este período com a fase sensório-motor de Piaget, na qual a criança adquire este controle no decorrer da fase. Já nas fases posteriores de garatuja, é possível perceber que ocorre a transição para o período pré-operatório, no qual a criança adquire a capacidade de representação, ou seja, a transformação de esquemas de ações em esquemas representativos, como é visto na fase de nomear. A criança sai de um pensamento cinestésico em termos de movimentos e conhecer o mundo pelo toque para um pensamento imaginativo.

A segunda fase é denominada de pré-esquemática, que percorre dos quatro aos sete anos. É perceptível nesta fase a presença de imagens circulares com linhas, que sugerem figuras animais ou humanas, apesar de forma ainda desordenada e com variações em seus tamanhos. Isso se deve à aquisição de consciência da forma. Ainda, a criança representa elementos que ela julga serem mais importantes sobre o objeto, bem como o uso das cores ocorre de maneira emocional do que lógica. Para Rappaport (1981), é durante o período pré-operatório, que vai até os sete anos, que a criança traz consigo os elementos da afetividade.

Figura 10: Desenho pré-esquemático de formas circulares e linhas, sugerindo uma figura humana, de elementos desordenados e tamanhos variados



(BOMBONATO, FARAGO, 2016, p. 17).

Dos sete aos nove, a criança se encontra em estágio esquemático. A criança toma consciência do conceito de espaço, ou seja, objetos do desenho se relacionam entre si e há o discernimento entre o que está acima e o que está abaixo. Linhas de base e de céu são visíveis, formas e objetos são mais distinguíveis neste estágio e as cores aparecem como são na natureza. Alguns exageros ainda se fazem presentes nesta idade, tal como pessoas mais altas do que casas, flores maiores que humanos e familiares de diferentes alturas, representando o aspecto da afetividade encontrado no estágio pré-operatório de Piaget.

Um dos fenômenos também presente na fase esquemática é de transparência, na qual um objeto é retratado como visto por dentro e por fora, como o exemplo da casa e seus móveis na fase de realismo intelectual de Luquet.

Figura 11: Desenho esquemático, com elementos de transparência e linha de base, há ainda a noção de organização do espaço



(BOMBONATI, FARAGO, 2016, p. 18).

A quarta fase é de realismo, que perdura dos nove aos onze anos. Para Lowenfeld (1947), é nesta idade que as crianças formam grupos de amigos e ocorre a autoconsciência a ponto de se tornarem críticas a respeito de si mesmas. O realismo da fase não significa ser idêntico a uma fotografia, mas no sentido da experiência com os objetos em particular, ou seja, a criança toma consciência de sua falta de habilidade em retratar os objetos da forma que eles são.

Técnicas de desenho também são adquiridas nesta fase, tal como pontos de perspectiva, consciência do espaço entre a linha de base e o céu do desenho, objetos em sobreposição e uso de elementos pequenos a grandes. Efeitos tridimensionais se fazem presentes com o uso de sombreado e combinações de cores.

Figura 12: Fase realista, na qual a criança traz elementos de sua realidade, construindo um cenário com linhas de base, sobreposição e conhecimento das dimensões



(BOMBONATI, FARAGO, 2016, p. 22).

Em Piaget, de sete até os onze ou doze anos a criança se encontra na fase de operações concretas, ou seja, ela alcança a capacidade de operar mentalmente com apoio de objetos e materiais concretos. Por isso, nesta fase ocorrem as comparações do desenho em relação aos objetos como são, bem como a aquisição de técnicas artísticas para representar a realidade por meio de perspectiva e sombras através de referências, por exemplo. Além disso, devido à autocrítica presente nesta fase, os desenhos aparecem de forma menos espontânea do que em outros estágios, pois a criança toma ciência das limitações de suas habilidades de desenho.

Os desenhos e as pinturas refletem o grau de identificação da criança com suas próprias experiências e com as de outros indivíduos ... À medida que a criança cresce, sua arte vai refletindo sua crescente conscientização do meio social em que vive. Quanto mais se desenvolve sua conscientização das pessoas e da influência destas em sua vida, a criança passa a adotá-las numa grande porcentagem do seu conteúdo temático. (LOWENFELD; BRITAIN, 1977, p. 44).

Uma última fase adicional que foi proposta por Piaget é a de pseudorealismo. Indo dos onze até os treze anos, nesta fase o resultado se torna mais importante para a criança do que em comparação aos estágios anteriores, cuja importância se encontrava no processo de criação. É dito em sua obra que este estágio é

composto por duas diferenças psicológicas, sendo elas a visual, na qual o desenho é inspirado por estímulos visuais, ou seja, é feito de forma objetiva e baseado na realidade; e o segundo seria baseado em experiências subjetivas, dessa forma, enfatizando e levando os aspectos emocionais e subjetivos para o mundo exterior.

Crianças de aspectos visuais percebem sua criação como observadores externos e têm a noção de como as cores mudam sob diferentes condições externas, tal como a iluminação. Por outro lado, crianças com aspectos subjetivos percebem as cores como ferramentas para refletir reações emocionais, tal como artistas impressionistas.

Figura 13: Fase pseudorealista de Piaget, na qual a criança traz às criações elementos subjetivos da reflexão, bem como uso de tons escuros e claros para dar profundidade ao desenho, além da complexidade de elementos



(BOMBONATI, FARAGO, 2016, p. 23).

A partir dos doze anos, na fase de operações formais, o indivíduo possui condições intelectuais para dominar a capacidade de abstrair e generalizar, criar teorias sobre o mundo e, principalmente, sobre aspectos que gostaria de reformular. Portanto, durante o estágio do pseudorealismo, o adolescente é capaz de trazer novos aspectos ao desenho através de sua própria percepção e julgamento de mundo.

### III. CONCLUSION

Observamos que os autores aqui estudados, sendo esses, Lowenfeld, Luquet e Brittain possuem concepções análogas no que diz respeito ao desenvolvimento infantil e a expressão dele na inteligência da criança. Para eles, a inteligência acontece de forma processual, e, o desenho é uma das muitas expressões dessa inteligência que vai sendo desenvolvida.

A mudanças realizadas na expressão gráfica da criança retratam, por conseguinte, as maturações desenvolvidas e processadas no âmbito da inteligência infantil. A criança vai “evoluindo” em sua inteligência e as formas de expressar essa inteligência por meio do desenho também vai sendo aprofundada. No entanto, os autores ainda destacam que quanto mais estímulo a criança receba mas ela vai desenvolver suas habilidades gráficas.

### REFERENCES

- [1]. ABREU, L. C.; OLIVEIRA, M. A.; CARVALHO, T. D.; MARTINS, S. R.; GALLO, P. R.; REIS, A. O. A. A epistemologia genética de Piaget e o construtivismo. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 20, n. 2, São Paulo, 2010. Disponível em: < [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822010000200018](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822010000200018)>. Acesso em: 16 de abr. 2021.
- [2]. ALEXANDROFF, M. C. Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 18, n. 17, p. 20-41, 2010. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-69542010000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542010000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 23 de abril de 2021.
- [3]. BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXERA, M. L. D.; **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.
- [4]. BOMBONATO, G. A.; FARAGO, A. C. As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, v. 3, n. 1, p. 171-195, 2016. Disponível em: <<https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/40/30042016104546.pdf>>. Acesso em: 24 de abril de 2021.
- [5]. DIDIERI, A. R. Expressão criadora: revisando o conceito. **Anais do SIMPOM**, 2018. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/simpom/article/view/7706/6657>>. Acesso em: 24 de abril de 2021.
- [6]. LOWENFELD, V. **Creative and Mental Growth**. New York: Macmillan, 1947.
- [7]. LOWENFELD, V.; BRITAIN, W.L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- [8]. MÈREDIEU, F. **O Desenho Infantil**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- [9]. PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1971.
- [10]. PILLOTTO, S. S. D.; SILVA, M. K.; MOGNOL, L. T. Grafismo Infantil: Linguagem Do Desenho. **Revista Linhas - Universidade Do Estado De Santa Catarina – UDESC, Florianópolis/Sc**, V. 5, N. 2, 2004.

- [11]. RAPPAPORT, C.R.; FIORI, W.R.; DAVIS, C. **Teoria do desenvolvimento. Conceitos fundamentais**. Vol. 1. São Paulo, EPU, 1981.
- [12]. RAPPAPORT. C. R. Modelo Piagetiano. In: RAPPAPORT, C.R.; FIORI, W.R.; DAVIS, C. **Teorias do Desenvolvimento**, v. 1, p. 51-52, São Paulo: EPU, 1981.
- [13]. RIBEIRO, M; OLIVEIRA, H. **Psicologia Construtivista**. Editora Sol, São Paulo, p. 1-65, 2012.
- [14]. RODRIGUES, M. H. Análise do desenho infantil segundo as ideias de Luquet. **Revista da UNIFEBE**, Brusque, v. 1, n. 8, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.unifebe.edu.br/index.php/revistaeletronicadaunifebe/article/view/542>>. Acesso em: 22 de abril de 2021.